

BETAR & ARTES & LETRAS

#140 | ABRIL | 2022

a festa do cinema italiano

Esta 15ª edição, faz homenagem
ao autor e realizador Pier Paolo Pasolini

B
Betar

B Desde 1973 na vanguarda da engenharia



Ponte de Caia, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Abril é um mês rico em cinema. Três bons festivais acontecem por estes dias. O FantasPorto, no Teatro Rivoli, destaca “The Mole Song”, do cineasta nipónico Takashi Miike; “Ox-Head Village”, de Takashi Shimizu, prémio de Melhor Filme em 2021; e “Amelinda”, novo filme de Miguel Gomes. Em Lisboa, no Cinema Roma, o “culto” de domingo à tarde regressa com o Cinepop e as suas obras icónicas. E a Festa do Cinema Italiano traz ao público português filmes inéditos, chegados diretamente dos mais prestigiados festivais internacionais, como Cannes, Veneza e Berlim.

Na música, Miguel Araújo comemora os 10 anos do primeiro disco no Campo Pequeno e no Super Bock Arena; e o festival Live in a Box, que teve início no primeiro confinamento, chega agora ao palco do São Luiz com Júlio Resende, Luísa Sobral, Moreno Veloso, Carlão, Sara Correia e Carles Dénia. Aline Frazão atua no Teatro Maria Matos e a banda britânica James apresenta o novo álbum em Lisboa e no Porto.

A exposição que sugerimos este mês é “Inquieta Ansiedade” que exhibe 60 obras de arte moderna e contemporânea da coleção privada de Rui Victorino, na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva. Quanto a teatro, “Orgia” reflete as inquietações presentes em toda a carreira de Pier Paolo Pasolini.

Nesta edição, publicamos a entrevista aos arquitetos Mário David Serrano e Margarida Ferreira da Fonseca, do atelier DUOMA, onde nos contam um pouco da sua história.

José Pedro Venâncio

edidor convidado

BETAR

A BETAR participou no projeto do empreendimento habitacional Amoreiras Residence, que beneficia de uma extraordinária vista sobre Lisboa e o Tejo



Empreendimento habitacional com pisos enterrados e parcialmente enterrados, um piso térreo e seis pisos elevados, sendo o último em terraço e cobertura plana. A estrutura é composta por estruturas porticadas de betão armado, constituídas por lajes fungiformes maciças com capitéis aparentes, apoiadas sobre pilares e paredes de betão armado, dispostas na periferia das caixas das escadas e dos ascensores. Previu-se apenas um corpo estrutural, que permite obter um melhor comportamento da estrutura para as ações horizontais, particularmente para as sísmicas. No pátio, para suporte aos elementos de paisagismo, existem uns pórticos em estrutura metálica constituídos por perfis do tipo HEA. Os apartamentos do piso 6 são do tipo duplex, onde a circulação é garantida por intermédio de escadas interiores com formato elíptico/circular, em estrutura metálica.

Amoreiras Residence, Lisboa

Projeto: 2019
Obra: 2021
Área Bruta de Construção: 16.120 m²
Dono de Obra: Living Amoras
Arquitetura: CHP Arquitectos
Especialidades: Fundações e Estruturas; Escavação e Contenção Periférica (por Geotest); Águas e Esgotos e Coordenação de Especialidades

À CONVERSA COM



Arqs. Mário Serrano e Margarida Fonseca

“Procuramos oferecer uma resposta pragmática [...] mas poética. A poética é aquilo que é supérfluo, mas também o que eleva a mera construção a arte! Esperamos vir a construir arquitetura com “A” grande”

ARQS. MÁRIO SERRANO E MARGARIDA FONSECA

Mário Serrano e Margarida Fonseca cruzaram-se no 1o ano da faculdade, depois estagiaram em ateliers diferentes. O que retiraram dessas “escolas”?

Fizemos o mesmo percurso académico. Após a faculdade, o Mário foi estagiar para o atelier do Francisco Aires Mateus e a Margarida para o atelier do Pedro Sousa. Apesar de trabalharem em ateliers diferentes, a “escola” era a mesma, a do arquiteto Gonçalo Byrne, cuja influência nos métodos de trabalho destes, era inegável. Começar a trabalhar em ateliers ajudou-nos a perceber a verdadeira consequência daquilo que desenhávamos e os diferentes níveis de comunicação pelo desenho: comunicar para um concurso é completamente diferente de comunicar para um cliente investidor ou para uma Câmara.

Entre 2013 e 2018 tiveram experiências internacionais em Zurique. Quais as principais diferenças?

Termos tido a possibilidade de trabalhar fora do país foi crucial para o nosso crescimento profissional. Em Zurique procurávamos, e conseguimos, envolver-nos e aprender com a grande escala e em estruturas empresariais de grande dimensão. Tivemos a possibilidade de desenhar coisas que não conseguiríamos fazer noutra contexto. Estivemos envolvidos no projeto e obra do edifício de habitação coletiva multi-geracional de 250 apartamentos, em Letzibach (Margarida nos Gut & Schoep Architekten) e a sede do banco UBS na Bahnhofstrasse (Mário nos EM2N Architekten), ambos em Zurique.

Genericamente falando, a arquitetura Suíça é incrível do ponto de vista técnico e da execução, tendo sido essa a nossa grande aprendizagem; do ponto de vista conceptual, não inventa a roda. O equilíbrio será algo a meio caminho.

O arq. Mário escreveu artigos de opinião para a revista online Exquisite, e para a Arq/a. Como se sentiu enquanto crítico de arquitetura?

Sempre gostei de escrever e o facto de estar fora do país ajudou a sentir-me livre para criticar ou elogiar sem ter de prestar vassalagem a ninguém. Nacionalmente, sinto que temos um problema grave de relação com a crítica. Saber elaborar um pensamento crítico é fundamental e devia ser motivado, desde cedo, no ensino.

Participaram no concurso para o novo Pólo de Saúde de Carcavelos, em co-autoria com outros 2 arquitetos. E venceram o 1o prémio! Querem comentar?

Sempre fizemos concursos com amigos e colegas. É sempre bom para testar parcerias, confrontar pontos de vista diferentes e encontrar consensos. Desenhar a 4 mãos não é fácil, mas é possível, claro. Foi um processo longo e burocrático. Ao todo, será um processo de 5 anos até ao fim da obra, estimada para Março de 2023. Estamos em crer que irá ficar uma obra muito interessante, do ponto de vista arquitetónico e da população que irá usar o edifício. Estamos ansiosos para a ver concluída, principalmente como irão resultar as palas orgânicas e o jardim, que são elementos chave. Todo o processo tem sido



Pólo de Saúde de Carcavelos

uma aprendizagem enorme, principalmente por estarmos na frente de todos os assuntos, desde os primeiros esboços até à obra que está agora a decorrer.

Em 2018 fundaram o atelier DUOMA, em Lisboa. Era uma parceria óbvia? Querem comentar a vossa frase de que o “DUOMA representa a poética do pragmatismo na arquitetura”?

Sempre foi uma parceria evidente. Para além de parceiros no trabalho somos parceiros na vida, e isso gera cumplicidade. O universo de referências é similar, o que torna o processo criativo muito fluido e orgânico. A nossa identidade vai-se construindo, em função dos trabalhos e oportunidades que aparecem. Procuramos sempre atingir uma certa simplicidade dos conceitos, onde somos capazes de explicar os nossos projetos numa frase ou num princípio organizacional, muito racional e pragmático. Sobre a nossa máxima, os clientes que chegam até nós procuram alguém que lhes resolva um problema prático, não nos procuram pelo nome ou currículo, e muito menos pelo cunho artístico. Por isso, a nossa postura é a de oferecer uma resposta altamente pragmática a um problema concreto. Mas acreditamos que, se esta resolução for formulada da forma certa,

a resposta consegue ser poética, ou até sublime. A poética é aquilo que é supérfluo, mas é também aquilo que eleva a mera construção a arte! Esperamos vir a construir arquitetura com “A” grande, e acrescentar mais uma “layer” na evolução da profissão.

Qual a vossa opinião sobre o estado da arquitetura contemporânea, a legislação e a sustentabilidade?

É com enorme prazer que vemos colegas nossos a explorar novos materiais, formas e cores, sem grande preconceito de romper com o estabelecido. É o emergir de uma nova geração que irá trazer novas formas de pensamento e de projetar, uma geração com experiência fora e sem a figura tutelar, que definiu as práticas de outros tempos. A legislação é anedótica, pouco clara e por vezes contraditória. A Ordem deveria tentar tornar o licenciamento num processo simples, claro e transparente; submetido on-line; e acessível para consulta a qualquer pessoa. A sustentabilidade preocupa-nos. É preciso criar formas de construção alternativas. Não basta forrar a painéis solares e a coberturas verdes para parecer mais “eco-green-friendly”. Sustentabilidade é também reaproveitar o património construído, destruí-lo quando necessário, e construir de forma durável e adaptável a novas possibilidades de ocupação.

SUGESTÕES



FantasPorto

Em 2022, na principal competição do FantasPorto, destaque para “The Mole Song”, do cineasta nipónico Takashi Miike; “Ox-Head Village”, de Takashi Shimizu, prêmio de Melhor Filme em 2021; e “Ms Lupin”, de Hideki Takeuchi. De salientar também o regresso de Erik Bloomquist, e a apresentação de “Duyster”, de Thomas Vanbrabant e Jordi Ostir; e de “Vortex, Dawn of the Sovereignty”, de Michel Rousseau. O Prémio Manuel Oliveira inclui obras como “Jacinto”, “Eviction” e “Escape from Mogadishu”, e o Prémio do Cinema Português tem em competição a longa-metragem “Amelinda”, novo filme de Miguel Gomes, e sete curtas.

ENTRE 1 E 10 DE ABRIL

Teatro Rivoli, Porto

CINEMA

Cinepop

O “culto” de domingo à tarde regressou ao antigo Cinema Roma para uma nova temporada. O projeto começou pela mão do realizador e argumentista Tiago P. de Carvalho que decidiu mostrar a novos públicos obras bastante populares do cinema das últimas décadas. O novo ciclo do Cinepop segue, este mês, com filmes icónicos como: “The Game”, de David Fincher, dia 3; “Wings of Desire”, de Wim Wenders, dia 10; “Top Secret”, de David Zucker, Jerry Zucker e Jim Abrahams, dia 17; e “Raising Arizona”, de Ethan Coen e Joel Coen, dia 24. Nuno Markl continua a ser quem apresenta as sessões.

ENTRE 3 E 24 DE ABRIL



Cinema Roma, Lisboa

Num mês muito rico em cinema, não faltam também eventos musicais muito interessantes, bem como teatro e exposições de arte. Veja o roteiro cultural que selecionámos



Festa do Cinema Italiano

A Festa do Cinema Italiano traz ao público português filmes inéditos, dos mais prestigiados festivais internacionais, como Cannes, Veneza e Berlim. Esta 15ª edição, faz homenagem ao autor e realizador Pier Paolo Pasolini, no âmbito do centenário do seu nascimento. Para além da exibição de filmes que realizou, é apresentada uma série de obras onde Pasolini colaborou ou que foram inspiradas nele, bem como documentários. Estes são alguns dos filmes em exibição: “Accattone” (1961), “Mamma Roma” (1962), “Comizi d’Amore” (1964), “Il Vangelo secondo Matteo” (1964), “Uccellacci” (1966) e “Edipo Re” (1967).

Como habitualmente, o festival acontece em várias cidades como Porto, Coimbra, Cascais, Setúbal, Penafiel, Alverca do Ribatejo, Beja, Aveiro, Leiria, Tomar, Almada, Caldas da Rainha, entre outras. **ENTRE 1 E 10 DE ABRIL**

Cinema São Jorge,
UCI El Corte Inglés,
Cinemateca Portuguesa
e Culturgest

MÚSICA



Miguel Araújo

7 CAMPO PEQUENO, LISBOA, E 21 E 22 SUPER BOCK ARENA, PORTO

Em 2022 o primeiro disco de Miguel Araújo faz 10 anos. Em jeito de comemoração, o compositor e intérprete brinda-nos com um concerto em Lisboa e dois no Porto. Na voz da crítica, Miguel Araújo é “um dos melhores fabricantes de canções que o país viu surgir”. Estes são, portanto, momentos a não perder.

Live In a Box

ENTRE 14 E 16 DE ABRIL NO TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ, LISBOA

Em 2020, no confinamento, nasceu o Festival Live in a Box. Através das suas contas de Instagram, vários artistas deram concertos online. Em 2022, o Live in a Box salta do pequeno ecrã do telemóvel para o Teatro São Luiz com Júlio Resende, Luísa Sobral, Moreno Veloso, Carlão, Sara Correia e Carles Dénia.



Aline Frazão

DIA 20 DE ABRIL NO TEATRO MARIA MATOS, LISBOA

Aline Frazão regressa aos palcos com “Uma Música Angolana”, o novo disco onde retoma uma sonoridade de banda festiva e poética, entre vários ritmos de matriz africana. Aline Frazão é acompanhada por Mayo (baixo), Diogo Duque (trompete), Marcelo Araújo (bateria e percussão) e Pri Azevedo (piano e teclado).

James

21 SUPER BOCK ARENA, PORTO, E 22 NO CAMPO PEQUENO, LISBOA

Os James, uma das mais influentes e inspiradoras bandas britânicas de rock, preparam-se para um 2022 marcante. A banda, com grandes êxitos na carreira de mais de 30 anos, como “Sit Down”, “She’s a Star”, “Laid” ou “Getting Away With it (All messed up)”, apresenta agora o álbum “All The Colors of You”.



ARTES

Inquieta Ansiedade

Esta é uma exposição que apresenta, pela primeira vez, 60 obras de arte moderna e contemporânea da coleção privada de Rui Victorino. O objetivo é mostrar uma das linhas estruturantes da coleção, expondo alguns dos principais protagonistas do modernismo em Portugal como Amadeo de Souza Cardoso, Almada Negreiros, Mário Eloy, Júlio Pomar, Vieira da Silva, Eduardo Luís, António Quadros, Areal, Fernando Lanhas, Joaquim Rodrigo e Nadir Afonso. A mostra observa também prolongamentos experimentais, que aconteceram até à década de 70, em obras de Menez, Paula Rego, Helena Almeida, Jorge Pinheiro, Álvaro Lapa, Lourdes Castro, René Bertholo, Escada, Ana Vieira, João Vieira, Eduardo Nery, Noronha da Costa e Jorge Martins; e autores internacionais como Vasarely, Arpad Szenes, Albers e Sónia Deaunay. **ATÉ 8 DE MAIO**

Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva



Orgia

Esta peça reflete as inquietações presentes em toda a carreira de Pier Paolo Pasolini. É uma tragédia contemporânea sobre a diversidade e sobre os impulsos obscuros e violentos que movem o ser humano. Mais do que uma peça de teatro, pode ser definido como um poema, a várias vozes, que exprime a crise da sociedade contemporânea, representada através de uma obsessão individual. Na obra, o mistério da fertilidade e os problemas da identidade encontram a obsessão pelo sexo, objeto de culpa e meio de conhecimento. Eis então o delírio de um casal, uma orgia sangrenta de palavras que encontra a sua essência no reconhecimento da diversidade. Não é, no entanto, uma história pornográfica ou erotizada. “Orgia” pertence ao terreno das ideias: um teatro de palavras. **ENTRE 7 E 9 DE ABRIL**

Culturgest Lisboa
Encenação:
Nuno M. Cardoso
Interpretação: Albano
Jerónimo, Beatriz Batarda
e Marina Leonardo

MOÇAMBIQUE

ARTES

Escola do Caminho Longo

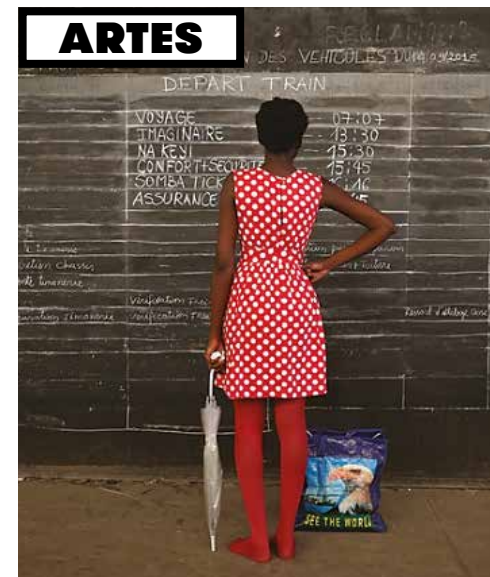
Cidade da Beira, Nampula, Ilha de Moçambique e Pemba

Quando se nasce em Moçambique, o caminho para a escola é feito de encruzilhadas e becos sem saída. Dos pais sem estudos, aos irmãos mais novos que precisam de colo, muitos são os fatores que impedem milhares de crianças de chegarem à escola. Os conflitos armados no norte fizeram muitas mais dispersar por caminhos desconhecidos. Esta exposição, organizada pela Helpeo, apresenta 20 das suas histórias, para tentar remover alguns obstáculos. Já esteve no Museu dos Coches, em Lisboa, e no Instituto Camões, em Maputo. Partiu entretanto para a Cidade da Beira e viajará também para Nampula e Ilha de Moçambique antes de regressar a Pemba.

A PARTIR DE ABRIL



ARTES



Viagem Imaginária II

Centro Cultural Franco Moçambicano, Maputo

A fotógrafa congoleza Gosette Lubondo interessa-se pela memória dos sítios e revisita lugares históricos do seu país para criar novas narrativas. Desde 2016, com a série “Viagem Imaginária I”, que a artista percorre espaços abandonados e reinventa-os. Aliando ficção e realidade, as cenas de “Viagem Imaginária II” acontecem numa velha escola, por entre vestígios da época colonial e inspiradas em depoimentos de ex-alunos. Criando personagens e figurinos, Lubondo revive a história do lugar através de uma espécie de “Alice no País das Maravilhas”, desta feita: Elikia, que significa “esperança” em Lingala. **ATÉ 9 DE ABRIL**



VIAGEM

Cinque Terre

Itália é dos países que mais vezes visitei e onde poderia ir todos os anos na certeza de que me iria deslumbrar em cada canto.

Sou uma apaixonada por terrinhas “patúscas” e portanto Riomaggiore, Manarola, Corniglia, Vernazza e Monterosso, esculpidas na costa da Ligúria, deixaram-me encantada.

Estas pequenas vilas coloridas, que compõem as famosas Cinque Terre, património da Unesco, estão cercadas por mar de azul estonteante, sempre visível pelos percursos pedestres ou linhas de comboio que as ligam. É a riviera italiana pintada num quadro impressionista.

Riomaggiore é a primeira terra para quem chega por La Spezia. Portais góticos, ruas estreitas, arquitetura romana, um castelo, escadinhas que nos conduzem à marina, bom vinho e um incrível pôr-do-sol, são algumas das coisas que tem para oferecer.

A vizinha Manarola é simplesmente encantadora. As casas parecem peças de lego, dispostas em cascata, ao longo de um vale rochoso. Para a melhor perspetiva, desta e da próxima terra, basta fazer um curto percurso a pé, sempre de olhos no mar.

Corniglia é vila que fica mais alta, a que tem o aspeto mais rural e é extremamente tranquila. Para chegar ao centro, é preciso subir uma escadaria de mais de 300 degraus.

Segue-se a pitoresca Vernazza, que tem as mesmas construções coloridas típicas, mas com elementos arquitetónicos mais refinados. A marina é muito bonita, com vários restaurantes e bares.

A última terra chama-se Monterosso e dispõe de uma bela praia mas também de monumentos históricos como o Mosteiro dos Capuchinhos e a Igreja de San Giovanni Battista, erguida em 1244.

por Cátia Teixeira



As velas ardem até ao fim

Ao olhar para a estante dos livros, para decidir sobre que livro escrever nesta edição, reencontrei uma obra de Sándor Márai. A história passa-se em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, numa casa que, outrora, recebia festas e banquetes e agora não passa de um lugar sombrio, como os tempos em que a Europa vive, naquela época – e hoje...

O proprietário é Henrik e quem aparece para o visitar, 41 anos depois, é Konrád, um amigo de infância. É sobre o presente, o passado e o futuro destes dois amigos, e do velho continente, que a obra nos fala. Separados pelo destino, durante tempo demais, Henrik e Konrád, apesar das diferenças sociais, económicas e culturais, têm neste reencontro a prova de que a amizade deveria ser capaz de superar tudo.

Gostei do pormenor da ação, na casa, se desenrolar à luz das velas, num ambiente intimista, e até estas de apagarem. Henrik e Kónrad personificam a complexidade da vida. Grandes amigos, com origens distintas, criaram uma amizade singular, repleta de cumplicidade e admiração, que o tempo, as responsabilidades e as frustrações conseguiram abalar. Konrád desapareceu de forma inesperada e Henrik, amargurado, isolou-se, cheio de perguntas e de raiva. A atitude inexplicável de Konrád condicionou a vida de Henrik, até aquele momento.

A escrita é intensa, intrigante, simples, bastante descritiva e melancólica. A história absorve-nos, faz-nos pensar nos valores, no que realmente importa, nas consequências e no peso das nossas decisões.

Um livro por Cátia Teixeira

OPINIÃO



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Ponte de Tete, Moçambique